Resultado de Pesquisa

**CONTROLE DA AGRESSIVIDADE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: Um relato de experiência**

**Bruno Rodrigues Alves, UFNT,**

**bruno.costa.1@mail.uft.edu.br**

**Renato Pablo Oliveira de Sousa, UFNT**

**rpablo.sousa@mail.uft.edu.br**

1. **Introdução**

O presente estudo visa abordar de forma autobiográfica as experiências que ocorreram durante o Estágio Supervisionado III, da UFNT- Universidade Federal do Norte do Tocantins, com alunos da Educação Básica, em uma escola pública no município de Tocantinópolis-TO. Buscou-se compreender como os comportamentos agressivos se desenvolviam no ambiente estudado e de que forma os profissionais de Educação Física poderiam atuar para mitigar os prejuízos causados por um ambiente conflituoso, visando com isso criar estratégias para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, foram levantados dados de ocorrência perante a Coordenação Pedagógica, Professores Regentes e os diversos Estagiários do 7º Período de Educação Física, o que acabou demonstrando diversas nuances e desproporções quanto ao registro material e oral dos comportamentos agressivos na referida escola, o que impactou diretamente nas medidas a serem tomadas para o controle desses atos lesivos ao referido processo.

1. **Objetivos**

O objetivo geral consiste em relatar a experiência de uma intervenção pedagógica durante o período do estágio supervisionado em Educação Física, visando mitigar os comportamentos agressivos e as indisciplinas dos alunos, Já os objetivos específicos foram elencados da seguinte forma:

* Descrever os tipos de comportamentos agressivos que ocorrem com maior recorrência na turma trabalhada;
* Refletir sobre o impacto da indisciplina no processo de ensino;
* Problematizar a importância das atividades cooperativas no contexto escolar.

1. **Descrição da Experiência**

A primeira parte dessa análise partiu de um período de observação onde buscou-se entender como funcionavam as aulas e quais eram as características dos alunos, em ato contínuo, analisando o espaço e as técnicas utilizadas pelos professores regentes nas aulas de Educação Física. Também buscamos nos reunir com a Coordenação Pedagógica da Instituição de Ensino para compreender melhor o perfil de indisciplina dos alunos.

Em revisão bibliográfica, como forma de embasamento documental, encontrou-se a abordagem da aprendizagem colaborativa e cooperativa como alternativa para mitigar a prevalência do pensamento individualista dos alunos, a falta de disciplina e o excesso de agressividade. Além disso, houve necessidade de alinhamento dessa técnica com os pressupostos encontrados na Psicologia da Educação e na Aprendizagem Motora, já que a intervenção engloba aspectos psicossociais e motores.

Nessa seara, também buscamos trazer a dimensão emotiva dos alunos para a prática escolar, através de atividades lúdicas, focadas predominantemente em jogos e brincadeiras presentes no cotidiano das crianças, pontuando a importância dessas atividades na socialização e na disciplina dos alunos no ambiente escolar. Destarte, conforme é assinalado por autores como Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016, p. 114): “[...] As aulas de Educação Física por meio de jogos e brincadeiras torna a convivência mais alegre e descontraída, dessa forma podem através de uma simples brincadeira expressam seus sentimentos e atitudes frente aos colegas mostrando seus agrados e desagrados”.

Para além disso ainda foi utilizado como instrumento de transmissão da experiência vivida uma narrativa autobiográfica, almejando assim também relatar os problemas encontrados, as vivências do dia a dia e o sucesso conseguido ao final de todo esse processo. É possível comprovar a relevância desse tipo de instrumento com a seguinte transcrição:

Com base nas informações coletadas, foi delineada uma abordagem qualitativa, cujo objetivo principal não reside em preconceber ideias, mas sim em desenvolver hipóteses por meio da observação do ambiente de estudo. Nesse contexto, torna-se fundamental a habilidade do pesquisador em envolver seu público, criar um ambiente sereno e estabelecer um relacionamento sólido com os participantes (THOMAS, NELSON E SILVERMAN, 2012).

Procedimentalmente para aplicação do exposto, a etapa de análise do perfil dos alunos foi dividida em duas etapas: Na primeira etapa, através de reuniões com os professores regentes foram analisados quais alunos eram mais indisciplinados e quais tipos de comportamentos eram mais recorrentes entre eles alunos; Na segunda, por sua vez, coube aos estágios dessa turma expandir a observação e elencar alunos e comportamentos agressivos dentro da turma em análise.

Com essas informações foram traçadas estratégias para escolha das atividades gerais da turma, além disso para o grupo mais propenso à indisciplina foram selecionados exercícios específicos para mitigação desses comportamentos. Para a atividade geral foram selecionados os jogos e brincadeiras de rua, que além de propiciar um estímulo da atividade emotiva, propiciaram uma integração lúdica dos alunos. Já para os alunos indisciplinados, a estratégia utilizada foi realizar a composição de atividades cooperativas (Quadro 01).

Quadro 01:Cronograma de atividades

| **Semana** | **Carga Horária** | **Conhecimentos/Habilidades/Atitudes** | **Etapa/Atividades** |
| --- | --- | --- | --- |
| 01 | 2h | Disciplina, Coordenação Motora Grossa (Girar, Pular, Correr) | Regência  Basquete Cooperativo |
| 02 | 2h | Lateralidade, Coordenação Motora Fina, Paciência e Cooperação | Regência  Bastões de Equilíbrio |
| 03 | 1h | Cooperação, Paciência, disciplina | Regência  Cabo de guerra colaborativo |

Fonte: Os autores

O Ambiente de Trabalho recaiu sobre a *Turma de 9º Ano, composta de 32 alunos,* majoritariamente composta por homens, e cuja idade varia de 11 a 14 anos de idade. Durante as semanas de observação foi possível o contato com as práticas pedagógicas rotineiras, inclusive coube aos estagiários prestar auxílio durante as atividades de recreação. Nesse sentido, foram acompanhadas aulas expositivas e práticas do professor titular, a turma observada possuía um número equitativo de homens e mulheres, alunos do 8º ano do ensino fundamental, os alunos foram bem participativos nas atividades propostas, seguindo os mandamentos do professor regente, não foi detectado nesse momento de observação comportamentos agressivos/violentos por parte dos alunos. As atividades práticas foram livres e centradas na modalidade de futsal.

No ambiente em estudo foram observadas diversas dificuldades na aplicação do processo de aprendizagem, primordialmente durante as fases finais de estágio, chegando a casos de ofensas diretas aos estagiários, negativa quanto à prática das atividades atribuídas, ofensas verbais e física entre os colegas de classe. Por essa razão as aulas práticas foram suspensas, sendo então substituídas por aulas teóricas com uso de recursos multimídias, além do fator da indisciplina ainda pesou para essa decisão o desconhecimento de inúmeros conhecimentos técnicos como também da necessidade de apresentar modalidades que não possuíam estrutura local para sua realização. Por esse motivo em ato contínuo foram propostas atividades de cunho colaborativo tendo por objetivo mitigar tais práticas

***A Importância das Atividades Cooperativas***

Durante as primeiras atividades foi dada prioridade às atividades coletivas e com regras bem definidas para que as crianças pudessem se adaptar à essa nova dinâmica de aula, além disso tivemos o cuidado de incorporar atividades de aquecimento dinâmico antes dos jogos, assim como exercícios de alongamento e relaxamento após a finalização das aulas regulares, houve ainda um cuidado especial em tornar esses momentos sociáveis, com práticas em duplas, trios e grupos, tentando com essa estratégia estreitar os laços nas relações interpessoais, indispensáveis para o momento da aplicação do projeto de intervenção.

Além dos problemas encontrados no processo de ensino aprendizagem, oriundos da falta de rotina para aulas práticas, havia uma consequência direta, qual seja, o desconhecimento dos alunos quanto a delimitação das fronteiras externas do ambiente de aula, uma confusão entre a definição de recreação e as aulas práticas de Educação Física. Nesse sentido foram necessárias inúmeras intervenções nas atividades, visto que os alunos não obedeciam às regras que haviam sido explicadas em detalhes em momento anterior à execução da ação, após várias tentativas frustradas os alunos começaram a entender que às atividades só ocorreriam com obediência às normas do jogo, ao ambiente delimitado e aos tratos de ordem social.

Como já delineado anteriormente, a própria vivência dos alunos tem um impacto extremo nos seus padrões de comportamento e parte dessas consequências está ligado aos jogos e brincadeiras tradicionalmente incorporados na rotina dos alunos. Nesse sentido, destaca-se um contraponto aos jogos competitivos, os quais podem ser prejudiciais, devido à ênfase exagerada na competição, priorizando o ganho a qualquer custo. Por outro lado, é preciso reconhecer que, em muitos casos, a proposta dos jogos cooperativos foi romantizada, defendendo que o seu ensino poderia conduzir a uma transformação social (PEREIRA, FERREIRA, RAMOS, 2012).

Assim, observa-se que a dicotomia apresentada ainda é alvo de inúmeras nuances, tanto no sentido das habilidades psicossociais que podem ser desenvolvidas dentro dos jogos competitivos, como nas limitações que podem ser encontradas para desenvolvimento ético/moral atrelado a tais jogos. Todavia, é evidente que os jogos cooperativos fornecem elementos que podem contribuir para a redução ou mitigação de problemas disciplinares. Dentro dessa perspectiva, o professor tem a capacidade de estimular, em conjunto com os alunos, uma reflexão mais profunda sobre atitudes, regras e comportamentos, numa interação dialógica que promova a construção de princípios éticos e sociais (PEREIRA, FERREIRA, RAMOS, 2012).

A próxima etapa foi a aplicação do plano de intervenção, que visava a incorporação de Jogos Cooperativos à rotina de alunos e a assimilação dos preceitos presentes nos elementos dessa atividade. Tivemos a preocupação de formar equipes com habilidades e características físicas distintas, sendo assim se as atividades fossem primordialmente físicas, buscamos selecionar equipes com atividades motoras equilibradas, sempre com inserção de alunos não atléticos e com a inclusão do gênero feminino de forma equitativa.

Pode-se observar que após a assimilação das regras dos jogos fomos surpreendidos com o grau de colaboração das equipes, principalmente porque o nível de competitividade das turmas era extremamente alto, gerando em algumas situações formação de grupos de *torcidas* durante os primeiros jogos tradicionais. Importante destacar que havia um cuidado dos alunos do gênero masculino em auxiliar as meninas para que pudessem concluir as atividades cooperativas, isso representa dizer que parte do “sentimento de colaboração” já estava sedimentado os seus valores morais.

1. **Considerações Finais**

Ficou evidente que as estratégias traçadas, assim como a execução da intervenção pedagógica (com a prática de atividades cooperativas), teve bons resultados, primordialmente frente aos comportamentos inadequados dos alunos, à falta de respeito em relação à autoridade do professor e à desobediência aos ordenamentos emanados pelo regente da sala de aula. Observamos ainda que as relações interpessoais ficaram mais saudáveis e os alunos mais envolvidos com o bem-estar dos seus pares, além de desenvolverem novas habilidades motoras.

Todavia, as intervenções propostas durante esse trabalho poderiam ter sido potencialmente mais efetivas, já que o grande número de alunos inseridos nas aulas e o baixo número de estagiários envolvidos provocou dificuldades severas no controle e na execução das atividades. Importante ressaltar que foram poucas aulas em que as novas estratégias foram executadas completamente, limitando assim o alcance e as transformações desse ambiente escolar. Afinal, alterar padrões comportamentais individuais e coletivos demanda tempo, e devem ser interpostas de forma continuada, com participação interdisciplinar e inclusão de sujeitos que estão fora do âmbito escolar.

Por fim, esperamos que a referida análise gere uma reflexão sobre os motivos que levam os alunos a terem comportamentos fora dos padrões de normalidade, levando por meio disso a uma análise mais abrangente do contexto social do aluno. Entendemos também que o uso de metodologias não tradicionais, mas que já tenham sido testadas e com bons resultados possam ser replicadas dentro do contexto escolar local, propiciando a colheita de bons resultados e no avanço das relações entre a Educação Física e o processo de ensino aprendizagem de forma global.

1. **Referências Bibliográficas**

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta de. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educaç**ão. Revista Lusófona de Educação [en linea]. 2016, (33), 111-125.Acesso em: 12 Dec.2022. ISSN: 1645-7250. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34949131009>

PEREIRA, Daniélli Maciel. **Inserção de atividades recreativas e lúdicas na prática pedagógica do ensino fundamental**. 2013. Curso de Especialização em Saúde- Universidade Federal do Paraná-UFPR. Programa de Pós-Graduação em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio. Foz do Iguaçu-PR, 2013

PEREIRA, Luiz Antonio; FERREIRA, Lílian Aparecida, RAMOS, Glauco Nunes Souto. A indisciplina nas aulas de Educação Física: Análise de uma proposta de ensino orientada pelos jogos sociomotrizes de cooperação **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, Ago./Dez. 2021, p. 1-17.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** 6.ed. Porto Alegre: Artmed 2012.

**VI. Agradecimentos**